

AS PUBLICAÇÕES DE LEONOR CASTELLANO ENTRE OS ANOS DE 1924-1969: A CONQUISTA DE UM ESPAÇO PARA SI*

THE PUBLICATIONS OF LEONOR CASTELLANO BETWEEN THE YEARS 1924-1969: THE CONQUEST OF SPACE FOR THEMSELVES

Resumo

Página Literária, esta foi a primeira coluna de muitas revistas em que a feminista e curitibana Leonor Castellano (1899-1969) participou ainda no ano de 1924; ainda foi membro do Centro Paranaense Feminino de Cultura e do Centro de Letras do Paraná. Os centros frequentados por Castellano foram de grande movimento intelectual durante o século XX. Neste viés, procuro analisar as publicações da escritora, dentro de uma perspectiva do que teria sido a sua trajetória intelectual, porém, vinculando tal ideia aos assuntos debatidos em seu contexto, como feminismo e nacionalismo. O feminismo de “primeira onda” permitiu que muitas mulheres reivindicassem seus direitos sufragistas, trabalhistas, entre outros, uma época marcada na história também por guerras mundiais e, no caso brasileiro, por um governo autoritário que se utilizou das relações de gênero conservadoras para fortalecer um nacionalismo exacerbado. As publicações de Leonor Castellano representam um ato de tomada de um lugar para si.

Palavras-chave: Trajetória. Feminismo. Mulheres. Nacionalismo. Identidade Paranaense.

Abstract

Literary Page, this is the first column of many journals in which feminist and curitiban Leonor Castellano (1899-1969) also participated in 1924, was still a member of the Center Paranaense Women's Center of Culture and Center of Arts of Parana. The centers frequented by Castellano were of great intellectual movement during the Twentieth century. In this bias, I analyze publications of the writer, within a perspective of what would have been her intellectual trajectory, however, linking that idea to the matters discussed in her context, such as feminism and nationalism. The feminism of the “first wave” allowed many women would claim their rights suffragists, labor, among others, a time in history also marked by world wars and, in Brazil, by an authoritarian government that used conservative gender relations to strengthen exacerbated nationalism. The publications of Leonor Castellano represent an act of making a place for themselves.

Keywords: Trajectory. Feminism. Women. Nationalism. Paranaense Identity.

Lorena Zomer

Doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.
lorenaazomer@hotmail.com

*Esse artigo é fruto da dissertação de mestrado História de uma “boa” feminista: trajetória intelectual de Leonor Castellano em Curitiba, 1924-1967, orientada pelo professor Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho.

Leonor Castellano: o princípio de um nome.

Leonor Castellano, chamada de Nola pelos amigos, nasceu em Curitiba (PR) no dia 25 de outubro de 1899. Era filha de Francisca Wienonewski Castellano e Francisco Castellano, ambos portugueses, e tinha irmãos e irmãs, dos quais descobrimos apenas os nomes de duas: Olga e Gioconda¹.

Sua educação escolar (NICOLAS, 1977) iniciou-se no Grupo Escolar Tiradentes, onde tinha como professora primária Júlia Wanderley². Uma escola tradicional no centro de Curitiba, cujo ensino de História e Geografia brasileiras estava estritamente ligado à disciplina de Moral e Cívica, isto é, possuía uma grade curricular característica do início da República, que intencionava formar cidadãos e cidadãs patriotas. Havia algumas distinções no ensino direcionado aos meninos e às meninas, como aulas de bordado e de “prendas” somente para as meninas. Mesmo com tais distinções entre os gêneros, no momento em que entoava o hino nacional, todos os alunos e alunas permaneciam juntos. Já o curso Intermediário, Castellano realizou na Escola Americana de Curitiba³, uma escola particular pertencente a American

Foreign Board⁴. Nesse locus, o ensino era voltado a uma formação intelectual em que mulheres e homens tinham acesso a diversas línguas, embora somente às mulheres fossem destinadas algumas aulas relativas à Economia Doméstica. Posso compreender que a base escolar de Castellano, provavelmente junto a uma boa condição financeira, permitiu um conhecimento intelectual, o acesso aos livros, às revistas e o apreço pela literatura.

Quanto a sua vida social, já na década de 1920, a autora era reconhecida em seu contexto pelas discussões acerca de assuntos da época, pois, segundo Trindade, ocorriam na casa de Leonor Castellano muitos encontros que envolviam nomes reconhecidos na literatura curitibana do período (TRINDADE, 1996:110), como: Helena Kolody⁵ e Serafim França, um dos fundadores da Universidade do Paraná. O motivo dessas reuniões relacionava-se com os assuntos do feminismo, da intelectualidade, entre outros.

No ano de 1924, Castellano foi efetivada na Secretaria da Fazenda no Paraná e, posteriormente na mesma Secretaria, como chefe de seção na área Financeira. Em 1940 foi transferida para a “Procuradoria da Fazenda, Consultoria Jurídica e Contencioso”, aposentando-se em 12 de fevereiro de 1960 (ARQUIVO PÚBLICO, 1960). Ainda como funcionária pública administrou o Arquivo Público e organizou a seção de documentos da Biblioteca

1 CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ. Cadastro de Membros. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1967, s/p. Queremos frisar logo no início desse trabalho que as informações sobre a vida familiar e pessoal de Castellano são muito restritas. Este fato deve-se a ela não ter casado, não ter tido filhos e não ter escrito nada que se remeta a um tipo de “autobiografia”. Ainda, os registros que encontramos sobre ela reportam-se mais aos fatos intelectuais, a sua escrita e participação no meio social e literário curitibano.

2 Júlia Augusta de Souza Wanderley Petrich nasceu em Ponta Grossa em 1874. Em Curitiba, após ter terminado os estudos secundários, pediu pessoalmente ao Governador permissão para frequentar a Escola Normal, até então só frequentada por homens. Acatado o pedido, conseguiu concluir os estudos em novembro de 1892, e dois anos depois passou a lecionar no Grupo Escolar Tiradentes, uma escola que foi construída aos pedidos da Associação Comercial do Paraná. Tal escola sempre foi frequentada por governadores de Estado, inspetores escolares, promotores públicos e juizes. O colégio foi demolido em 1935 e somente em 1962 ganhou uma sede própria no Centro de Curitiba, cujo nome ainda é Grupo Escolar Tiradentes. Júlia faleceu em Curitiba em abril de 1918. BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ. V.24, ANO 1974, pp.149-150.

3 Informações encontradas em ABREU, Geysa S. Alcoforado. O ensino regular da caligrafia: a experiência da Escola Americana de Curitiba no final do século XIX e início do século XX. www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../321.pdf Acesso em 09/12/2010.

4 Pertencente à junta Missionária de Nova York, ligada à Igreja Presbiteriana do norte dos Estados Unidos. Com várias unidades no Brasil, a de Curitiba era dirigida pelas missionárias Srta. Mary Parker Dascomb e Srta. Elmira Kuhl. ABREU, GEYSA S. Alcoforado. Op.cit. Acesso em 09/12/2010. Ver também FIGUEIREDO, Eneida Ramos. A Escola Americana de Curitiba (1892-1917) <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/317.pdf>. Acesso em 20/06/2011.

5 Amiga e colega de Castellano, no Centro de Letras e no CPFC, nascida em Cruz Machado (PR), em 12 de outubro de 1912 e faleceu em Curitiba (PR), em 15 de fevereiro de 2004. Foi professora do ensino médio e inspetora de escola pública. De 1928 a 1931, cursou a Escola Normal Secundário (atual Instituto de Educação do Paraná). Admirada por Carlos Drummond de Andrade e amiga de Paulo Leminski, seus escritos passaram a ter grande repercussão a partir de 1985, e em 1988, foi criado o importante “Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody”, realizado anualmente pela Secretaria da Cultura do Paraná em homenagem a essa poetisa. CRUZ, Antônio Donizeti da. Helena Kolody: obra e fortuna crítica. Curitiba (arquivos da Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná), 1999.

Pública do Paraná e da Biblioteca da Associação dos Funcionários Públicos do Paraná, demonstrando seu interesse pelo “mundo das letras”.

A partir de 1930 começou a frequentar muitos clubes literários, paralelamente a seu trabalho. Foi justamente nessas reuniões e cargos ocupados que a maioria de seus ideais e códigos de comportamento para homens e mulheres foram divulgados, alguns deles já encontrados nos seus primeiros escritos de 1924 (TRINDADE, 1996:110). A autora, no decorrer da vida, envolveu-se com trabalhos desenvolvidos em escolas, principalmente em amostras de artes e declamações de poesias, porém é provável que Castellano não tenha cursado o Normal (CASTELLANO, 1967:26-27). Esta conclusão é decorrente de um discurso por ela proferido, no ano de 1967, quando recebeu o título de professora honorária por ter colaborado com serviços prestados ao Estado, em que ela agradeceu, alegando que não tinha títulos oficiais para aquele trabalho.

Castellano residia sozinha na Avenida Sete de Setembro, número 3484, no centro da cidade de Curitiba. Preparava-se para fazer uma viagem de férias a São Lourenço (MG) quando sofreu um infarto e veio a falecer, dias depois, às 23 horas do dia 13 de janeiro de 1969, no Hospital Santa Casa de Misericórdia. Seu corpo foi velado primeiramente em sua casa, depois no Centro Paranaense Feminino de Cultura, de onde saiu o cortejo para o Cemitério Municipal.

Apesar da vida literária de Castellano ser repleta de vestígios – de acordo com as indicações das fontes – sobre a sua vida pessoal se sabe pouco. Castellano foi caracterizada como feminista, escritora, funcionária pública, professora honorária, intelectual, católica e outros predicados (FRANÇA, 1969:3-8). Estas últimas noções sugerem que Castellano foi atuante na sociedade curitibana e utilizou a intelectualidade e seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida para divulgar suas ideias. Nesse viés, pretendo discutir as primeiras publicações de Castellano no próximo tópico, as quais foram marcadas por uma camada

social abastada e intelectualizada. Não obstante preendo minha atenção ao modo como Castellano defendeu os ideais considerados “adequados” às mulheres e homens de seu contexto, como a intelectualidade e o acesso ao Ensino Superior.

Educação e pátria defendidas por Castellano

Os artigos de 1924 demonstram vestígios de uma discussão com Flávio Suplicy Lacerda⁶. O antagonista, na época, tinha por volta de 21 anos e teria⁷ publicado algumas colunas que condenavam ações feministas daquele contexto. Castellano, por sua vez, utilizou o jornal *Gazeta do Povo*⁸ para contestar as afirmações de Lacerda, como verifico a seguir:

Quem vos escreve, não tem título algum a recomendá-lo; não pertence a nenhum grêmio, grupo ou associação; não sabe senão rabiscar toscamente algumas linhas [...] Trabalho, caro Sr. e honradamente, mourejo em diversos misteres, sei somar, sei Economia Doméstica e... Sou feminista. Não desejo me masculinizar porque compreendo a mulher tão apta como o homem e só reclamo o que de justiça nos pertence. (CASTELLANO, 1924: 1472)

A citação permite-me compreender que Castellano ainda não fazia parte de clube algum, apenas almejou

6 Flávio Suplicy de Lacerda (1903-1983), natural de Lapa (PR), foi engenheiro, um dos responsáveis pela unificação da Universidade do Paraná em 1950 e também reitor dela. Foi responsável pelo decreto publicado em 1966 que tornou o Ensino no Brasil voltado a uma perspectiva tecnocrática, um projeto da Ditadura Militar que tinha por intenção desmobilizar os grêmios e revoltas estudantis. Ver: <http://www.confea.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2786&pai=4&sid=204&sub=197> Acesso em 10/06/2011.

7 Realizei uma pesquisa árdua no que se refere às edições anteriores da *Gazeta do Povo* (período de seis meses) e constatei que naquele jornal não há publicação de Flávio Lacerda nem alguma outra publicação que se refira às acusações de Castellano. Entretanto, em vista do número de periódicos daquela época é possível que ela tenha lido em algum outro e respondido através da *Gazeta*.

8 Fundado em 1919, por Plácido e Silva. Fazia parte do leque de periódicos paranistas. CARNASCIALI, Juril De Plácido e Silva. De Plácido e Silva, o Iluminado. Curitiba: Editora Oficina de Letras, 2000.

defender o lugar “público” que as mulheres vinham alcançando. Esta publicação de Castellano deu-se em relação ao fato de Flávio Suplicy Lacerda contestar a atuação de feministas. Na leitura da resposta de Castellano, posso sugerir que para o autor, as mulheres não cumpriam com suas “obrigações” de mães e esposas porque desejavam conquistar os lugares que pertenciam aos homens. Esse tipo de concepção de feminismo (CASTELLANO, 1924:1472) é corrente ainda nos dias de hoje, em que feministas são apontadas como mulheres desejosas de espaços “considerados” dos homens, apesar do feminismo, em seu teor, defender espaços iguais para todos, isto é, a busca é pela igualdade entre homens e mulheres.

Entretanto, o contexto do início do século XX era outro. Uma época em que as mulheres estavam aumentando os seus lugares nos empregos públicos, e em outras profissões, após séculos em que muitas vezes foram proibidas de falar, de sentir, de querer. Nesse sentido, compreendo que nem todas/os da sociedade concordavam com as ideias feministas, o que fica claro quando Castellano argumenta que mesmo mantendo um conhecimento relativo ao lar, desejava desempenhar outras atividades, paralelamente. Importante ressaltar que naquela época ser considerada uma feminista, especialmente para as camadas sociais mais conservadoras, era uma ideia que poderia estar vinculada a estereótipos, aos quais elas não almejavam estar associadas, como “machonas” ou “sufragetes”⁹. Nesse viés, analiso que Castellano apropriou-se de ideais feministas com os quais concordava, e a resposta concedida a Flávio Suplicy Lacerda foi uma tentativa de demonstrar que o “feminismo da autora” estava relacionado ao patriotismo, no qual verificava o meio preciso para as mulheres alcançarem a Educação. Uma opinião com a qual Flávio Lacerda provavelmente não concordava.

Afirmo que Castellano nos anos de 1920, ou seja, com

9 Feministas consideradas arruaceiras, responsáveis pela desordem e caos causados nas ruas e lares por meio de seus protestos. ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980, p.100.

cerca de 26 anos, defendeu a Educação das mulheres, como outras de camadas abastadas, intelectualizadas ou mesmo mais simples, isto é, inconscientemente ou não, elas estavam abrindo caminhos, os quais foram solidificados no decorrer das décadas posteriores; um dos primeiros passos para que elas fossem emancipadas. O início do século XX (1910-1920) foi o tempo em que o feminismo apareceu pela primeira vez como uma onda. Sobretudo ressalto, segundo June Hahner, que ainda no século XIX, especialmente nas décadas de 1860 e 1870 já havia publicação de diversos jornais com reivindicações e discussões acerca das mulheres¹⁰. Mas nas primeiras décadas de século XX, as manifestações feministas publicadas em jornais exigiam o sufrágio e desejavam um aumento no número de profissões destinadas às mulheres, além disso, reivindicavam trabalhos no comércio e nas repartições (DUARTE, 2003:9). Apesar de ser notório desse tempo um feminismo libertário que buscava os direitos trabalhistas, representado por Maria Lacerda de Moura¹¹, os objetivos de um feminismo sufragista, como os de Bertha Lutz¹² foram os mais divulgados até meados do século XX.

Tal influência chegou e se alastrou no Brasil, inclusive em Curitiba, como posso averiguar na

10 Como O Sexo Feminino, de Francisca Diniz e O Domingo, de Violante Velasco. Ver: HAHNER, June E. Op.cit., 2003, p.136.

11 Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz, no início, reivindicavam juntas alguns direitos para as mulheres. Mas no decorrer da amizade Moura preocupou-se mais com a falta de direitos trabalhistas para as mulheres, enfim, aquelas que sentiam em seus salários, no abuso do patrão e na falta de creches para seus filhos a falta de igualdade. Em contraposição, Lutz, de classe abastada, exigia o sufrágio, e este não seria a solução para os problemas apontados por Moura. Ver: HAHNER, June E. Op.cit., 2003.

12 Educada no Brasil, porém em 1918 concluiu seus estudos em Licenciatura em Ciências na Sorbonne, e posteriormente formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Publicou diversos trabalhos na área biológica. Sua carreira política e feminista nunca estiveram separadas da sua profissional. Ainda no ano de 1918 passou a redigir semanalmente uma revista, em que convocava as mulheres brasileiras a compor uma “Liga de Mulheres Brasileiras”. Ver: HAHNER, June E. Op.cit., 2003, pp.273-294.

13 Segundo Susan Besse neste contexto havia o feminismo católico, o qual entendemos, segundo a autora, com diferenças significativas em relação ao de Lutz. Havia no primeiro a Liga Brasileira das Mulheres Católicas, entre outras, cuja base estaria na teoria de Jackson Figueiredo; defendia a educação confessional das mulheres e a permanência destas nos lares. Entretanto, o que separa essa análise e Castellano deste feminismo é o fato da mesma teoria alegar que as mulheres não deveriam almejar o seu espaço ou igualdade com os homens, permanecendo somente nos lares. Ver: BESSE, Susan. Op.cit., pp.218-220.

seguinte citação de Trindade: “Já o movimento feminista, desembarcado no Brasil na bagagem de estudante da líder Bertha Lutz, aporta em Curitiba na virada do século e desperta uma acirrada polêmica entre grupos antagônicos claramente delineados. Homens e mulheres filiam-se, de forma apaixonada, a favor ou contra seu ideário, envolvendo nomes conhecidos na cidade...” (TRINDADE, 1996:110). A citação de Trindade refere-se ao feminismo de “primeira onda”, sobre o qual a autora aponta que a casa de Leonor Castellano, junto a Panfilo de Assunção, entre outros, era palco de discussões que defendiam as novidades destinadas às mulheres (TRINDADE, 1996:110). E, de acordo com as homenagens post mortem destinadas a Castellano (FRANÇA, 1969:3-8), com o teor dos artigos que analiso neste artigo e com a própria confirmação da autora quando afirmou que conhecia a “Economia Doméstica” e era feminista (CASTELLANO, 1924:1472), é que aponto que ela conhecia as ideias feministas da primeira onda, relacionando-as em uma perspectiva que envolvia o lar e os filhos ao patriotismo e às novas oportunidades das mulheres:

A mulher é mui especialmente a mãe Brasileira, consciente dos elevados e sublimes encargos lhes outorgados, em qualquer período da vida, na paz ou na guerra, no lar e na sociedade, não deixará nunca de ser o anjo tutelar de seus filhos, a organizadora de seu caráter, ela formará corações grandiosos, puros e nobres, ela implantará nas almas jovens os deveres sagrados de patriotas e cristãos e a sua pena será como espada flamejante que pelejará tanto em defesa da causa ardorosamente combatida, como em favor da Pátria estremecida e amada. (CASTELLANO, 1924:1472)

A ordem e o progresso tão almejados pelos literatos, pelas escolas e autoridades estão vinculados à fala de Castellano, a qual foi educada primeiramente por

Júlia Wanderley, dentro dos “predicados” desejados às mulheres, e depois dentro de uma escola religiosa (evangélica), a qual também preparava as mulheres para um bom casamento e a formação da família. E ainda, verifico na citação de Castellano, a união entre o patriotismo e o cristianismo, como se a moral de uma boa família estivesse condicionada dentro de preceitos cristãos e patrióticos, os quais eram direcionados pelas mulheres, isto é, a pena, vista como uma espada, é o poder mantido das mulheres no lar sobre as filhas/os, sobre os ideais que poderiam ser ensinados a elas/es. Uma ação, na qual vejo uma oportunidade das mulheres terem voz, autoridade, um modo de influenciarem a sociedade.

A historiadora Céli Pinto afirma que no ano de 1910 a participação cívica das mulheres estava relacionada com os primeiros ideais sufragistas, divulgados na fundação do Partido Republicano Feminino no Brasil, como posso analisar na seguinte citação: “O estatuto do partido dá uma ideia muito clara do que pretendiam essas mulheres: não pretendiam apenas o direito ao voto, mas falavam de emancipação e independência. Atribuía à mulher qualidades para exercer a cidadania no mundo da política (o patriotismo) e no do trabalho” (PINTO, 2003:p.18).

Um movimento que ganhou força efetiva com a chegada de Bertha Lutz em 1922, que havia morado em Paris e por isso sabia dos movimentos feministas na Europa e até mesmo nos Estados Unidos. A feminista fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – a qual nos portaremos como FBPF - e por meio de diversas reuniões e congressos nos anos de 1920 e 1930 conquistou o sufrágio, direitos civis e trabalhistas para as mulheres. Trata-se de um grupo que não intentou conquistar uma plena “liberdade”, relacionada à sexualidade e às funções naturalizadas das mulheres pela sociedade da época. Elas questionaram o acesso à Educação, o direito de falar o que “pensavam”, mas não indagaram, em geral, as relações de gênero vigentes, isto é, o modo como se encontrava a hierarquia entre os sexos.

Sobretudo, vejo essas mulheres como vitoriosas, visto que Bertha Lutz junto aos seus “lobbies políticos”, ou seja, devido a sua condição financeira e social, tinha bons contatos políticos, os quais proporcionaram um amplo reconhecimento neste meio, que por sua vez foi utilizado por ela para apregoar e conquistar ideais (PINTO, 2003:18-30).

Percebo o quanto as ideias de Castellano estavam imbricadas de valores de seu contexto, assim como, deu continuidade a muitos deles ao publicar esses artigos. Mas Castellano não parecia satisfeita com a missão de mãe, esposa e formadora dos cidadãos da Pátria. Ela citou “no lar e na sociedade”, o que me mostra a sua defesa em relação ao trabalho público que as mulheres poderiam ter. A noção de que Castellano defendia o lugar público das mulheres, como algo conquistado efetivamente a partir do século XX em Curitiba, pode ser confirmado ainda no mesmo artigo, de 1924, quando Castellano pronunciou:

Raríssimos, hoje em dia se contam os países nos quais a mulher ainda conserva a sua primitiva inferioridade. Ah! Os homens, os homens eles é que deveriam ser os anjos guias do lar, eles os possuidores de vozes doces, meigas, macias ao invés das barulhentas, tagarelas e demais adjetivos nos mimoseado gratuitamente. Como estão trocados os papéis! No seu pessimismo negro e cego, ainda tem ideias de se transformar em chefe de polícia maluco para acabar com a afronta que o feminismo vem fazendo à moral da família Brasileira! Outra coisa que o seu (Flávio Lacerda) exaltado antagonismo não aprova. A intromissão da mulher em cursos superiores. Para que tanto saber? Pois a educação da mulher deve ser rudimentar, saber somar. (CASTELLANO, 1924:1489) (o grifo é meu)

A troca de papéis, com ressalvas, não era realmente o objetivo de Castellano. Sugiro que ela atribuiu aos homens também a missão de cuidar das filhas/os, já que considerava o patriotismo uma missão de ambos os sexos e nesta perspectiva não seria essa uma função somente das mulheres. Doravante, tentou apenas argumentar que apesar de ser essa uma função das mulheres, elas também poderiam se profissionalizar. Em seu contexto, as mulheres estavam conquistando novos lugares. A afirmação quanto ao direito do Ensino Superior de Castellano pode ser compreendida diante do fato de que em Curitiba no ano de 1925, de acordo com a pesquisadora Ana Maria Ganz (TRINDADE, 1997:96), mulheres formadas em Medicina, Direito, Engenharia e principalmente no Magistério já eram conhecidas. Entretanto, não eram profissões tão comuns, em vista do dinheiro e do tempo que deveriam ser empregados no decorrer do curso, algo que, em geral, só famílias abastadas permitiriam. A historiadora Ana Maria Ganz, por meio de suas fontes provenientes de uma coluna do jornal Gazeta do Povo, aponta que existiam muitas vagas abertas para mulheres, entre elas: floristas, leiteiras, confeitarias, parteiras, garçonetes, manicures. Além disso, donas de bares e pensões também apareciam oferecendo vagas ou em meio às confusões das páginas policiais. A historiadora discute que já havia instâncias públicas responsáveis pelo cadastro das mulheres e dos lugares em que elas trabalhavam, principalmente no que se refere à higiene e ao alvará dos locais, portanto relacionadas às normatizações que incluíam o trabalho de mulheres.

A respeito do acesso ao Ensino Superior, June Hahner (HAHNER, 2003:188-206) afere que no Brasil já havia mulheres em várias profissões, entretanto ainda era grande o preconceito. O próprio Magistério era um curso procurado justamente por ser um que os homens deixaram de lado quando as primeiras mulheres tornaram-se professoras. Não obstante, na Medicina, no Direito era comum as mulheres serem taxadas de masculinizadas e fracassadas no que se

refere ao casamento, pois o sucesso profissional só poderia ocorrer se ocupassem o lugar dos homens e consequentemente falhassem nos lares. Essa ideia também pode ser compreendida quando verifico asserções da historiadora Rachel Soihet¹⁴, em que a autora traz uma discussão recorrente ao início do século XX, em que higienistas do Rio de Janeiro, ou mesmo Cesare Lombroso, apontavam a maternidade como algo que tornava as mulheres mais pacientes e altruístas, considerando mulheres inteligentes e emancipadas como “perigosas” para com a moral vigente, isto é, para com a felicidade da família.

Portanto, empregos que exigiam menos estudos, como datilógrafas e telefonistas, eram mais aceitos. June Hahner afirma que as mulheres que ousaram adentrar a Medicina, o Direito e a Engenharia, nesse contexto, foram algumas das que futuramente representaram o movimento sufragista, justamente pelo seu maior acesso político e financeiro (HAHNER, 2003:206). Nesse caso posso compreender o porquê da relação entre o feminismo burguês/sufragista às mulheres intelectualizadas e abastadas. Essas mulheres faziam parte de camadas da sociedade onde não havia problemas relativos à saúde e higiene precárias, à fome, não dependiam de empregos em grandes indústrias onde seriam exploradas por patrões e até mesmo colegas, embora em casa pudessem ser subjugadas pelos pais, maridos e filhos. Deste modo, o feminismo sufragista está relacionando ao contingente, no qual a educação e emancipação cívica eram as reivindicações com as quais se preocupavam (PINTO, 2003:33-38).

As notas e listas de alunos/as de nível Superior eram sempre divulgadas em jornais em Curitiba. As amizades e as leituras de Castellano permitiram que ela soubesse que já existiam mulheres ocupando novas profissões. Na última citação, ao mencionar: “a moral da família Brasileira”, Castellano afirmou

14 Cesare Lombroso era um médico criminologista italiano, que buscava compreender as causas dos crimes cometidos por mulheres. SOIHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. In: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, vol.9, número1/2, Jan/Dez 1996.

que as acusações eram “negras e cegas” em relação ao seu feminismo e sugeriu exemplos em que as mulheres realmente estavam se afirmando acima da desigualdade, quando passaram a frequentar o Ensino Superior, apesar da não aceitação de alguns. A Pátria que aceitou as mulheres no Ensino Superior, que não as via como semianalfabetas, é a Nação e o feminismo defendidos por Castellano. Para ela:

A mulher, em qualquer fase da vida, deve se aprimorar em qualquer trabalho útil à sua subsistência, e assim, em ocasião oportuna demonstrar o seu alto descortino moral, e não será a crítica despeitada dos antifeministas que a fará retrogradar no grande caminho já percorrido. Felizmente a mulher vai compreendendo, com lentidão embora, o quanto ela tem sido espezinhada em seus justos direitos. Sim a mulher, num esforço grandioso e belo, procura a sua emancipação intelectual e pecuniária, aí vem a grita dos rubros antifeministas, a chamá-la de ousada. Por quê? Dizem duas palavras, escrevem e... Se sustentam, eis o grande crime! De qualquer forma, não seremos jamais isentos de chistes e zombarias. Permanecendo em disponibilidade, ah! Que ironia de sorte somos as bonequinhas de salão, as senhoras nulidade, feitas somente para causar gracinhas no espírito de doutor... Almofadinhas. (o grifo é meu) (CASTELLANO, 1924:1489)

Castellano defendeu que as mulheres poderiam desempenhar qualquer função na sociedade e que poderiam obter dessa forma a sua independência intelectual e financeira! Castellano almejou e apregou a conquista de espaços públicos, pois foi secretária, funcionária pública e, dentro destas colocações envolveu-se com arquivos e bibliotecas. E ainda, a autora demonstrou que a intelectualidade, em suas várias formas, fosse por meio do direito ao

Ensino Regular ou Superior¹⁵, na escrita de um livro, ou através da convivência em meios literários, poderia abrir caminhos e oferecer oportunidades às mulheres, mesmo que estas mantivessem seus velhos postos. A boa “moral” das mulheres estaria em qualquer função que desempenhassem, isto é, ser apenas os “enfeites” do baile com gestos e danças suaves não era a intenção das mulheres, não no entendimento de Castellano.

A ideia de que mulheres poderiam ter acesso ao ensino superior ou mesmo aos empregos “voltados ao sexo masculino”, parecia inaceitável para uma parte da sociedade. Na fala de Castellano percebo que ela defendia as mulheres que estudavam ou trabalhavam “fora” por conquistarem novos lugares, isto é, como afirma Telles sobre esse contexto brasileiro, algumas mulheres condenavam “o discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão e definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal” (PRIORE, 2001:403). Analiso que Castellano tentou desvencilhar a ideia de incapacidade das mulheres poderem desempenhar funções do lar, ao mesmo tempo em que eram boas profissionais, em outras palavras, para Castellano elas não estavam tomando lugares dos homens nos espaços públicos, mas sim colaborando para com a sociedade, dentro e fora do lar.

Sugiro que Castellano soube ver no seu contexto formas de expressar suas opiniões. Foi uma mulher que não casou, apesar de defender o casamento, não teve filhos, mesmo defendendo a educação desses, e conquistou a sua independência financeira; era uma mulher “moderna”, dentro de novos preceitos e sem abandonar a defesa dos tradicionais papéis das mulheres. “Funções” que foram reforçados pela

República através de escolas e da literatura; mas foi por meio da mesma Educação e da nova política que as mulheres puderam alcançar a intelectualidade mais efetivamente. Tal fato ocorreu a partir do momento que tiveram acesso ao conhecimento, às novas línguas, aos livros e às poesias.

Ao longo da História muitas mulheres sugeriram que a Educação era o meio pelo qual as mulheres e os homens teriam as mesmas oportunidades. Percebo que Castellano defendeu uma ideia semelhante a essa, ao propor que via na educação e nas características da composição social, formas de equiparar as oportunidades destinadas tanto aos homens quanto às mulheres, isto é, estas ao terem consciência dos lugares que poderiam ocupar, não seriam mais subjugadas. A entrada das mulheres no Ensino Superior e o trabalho fora do lar não simbolizam todas as ideias que Castellano parecia ter quanto à participação efetiva das mulheres para com a Pátria. Castellano apropriou-se de alguns preceitos, talvez justamente por ter um emprego público, por ter tido a oportunidade de estudar, de escrever, e por isso concordava com o acesso ao Ensino Superior e o sufrágio, como verifico na seguinte passagem:

Penso como nobre escritora francesa em dizer que “se a mulher pode ser julgada e subir num patíbulo, da mesma forma ela pode ser eleitora para votar e juiz para julgar e condenar”. Suponhamos que o Feminismo é uma política e eu, é claro, ainda sou adepta mas... Quem sabe se conseguirei ser eleita juiz do Supremo Tribunal do Paraná. (CASTELLANO, 1924:1472) **O fim primordial do Feminismo não é apregoar a guerra, o ódio, a risania. É uma manifestação contra os desarranjos e as barafundas sociais; é pugnar contra os poderes da destruição e ruína; e lutar em favor da crença, da raça, da família.** Em Washington as mulheres, amparadas nos direitos

15 Acredito que Castellano não está subestimando o conceito de educação. A questão é que desde o século XIX muitas mulheres já haviam conseguido chegar ao magistério, para justamente requisitar em primeira instância o direito de estudar. Nesse sentido, Castellano defendeu que todas as profissões podiam ser também das mulheres. Tema amplamente trabalhado no livro HAHNER, June E. Op.cit., 2003.

públicos, demitiram o prefeito de Seattle, por tolerar abertas as casas de tavadagem e de má fama. Em França formaram três instituições; as enfermeiras visitantes, as super intendentas das usinas, as secretarias dos lares operários. (o grifo é meu) (CASTELLANO, 1924:1489)

A “nobre” francesa seria Olympe de Gouges¹⁶, na qual Castellano viu um exemplo ideal de uma mulher, que devido ao seu conhecimento pôde verificar as diferenças sociais instituídas entre os homens e as mulheres. A discussão em torno da universalização do sufrágio foi recorrente nos meios jornalísticos e revistas no início do século XX. Como já dissemos, Bertha Lutz foi quem comandou esse movimento no Brasil, o que provavelmente fez com que muitas reportagens sobre acontecimentos similares da Europa e dos Estados Unidos fossem aqui divulgadas. Quanto ao dos EUA é importante frisar que lá o movimento já era mais antigo e devido às influências do movimento sufragista, atos das feministas semelhantes ao grupo de Lutz eram conhecidos no Brasil (PINTO, 2003:23).

Já a democracia do “momento” de Gouges era vista como algo que igualava os termos masculinidade e indivíduo (SCOTT, 2002:23-49). As categorias de diferenciação para com esse indivíduo idealizado praticamente inexistiam diante de uma bandeira de “igualdade” levantada pela própria Revolução Francesa. Por isso, a única maneira de segregar mulheres, entre outros, era tornar a diferenciação um sinônimo de masculinidade, além de instituir algumas características psicológicas e físicas (no caso da mulher), o que, segundo os pensadores da época,

gerava a redução da sua capacidade em governar, votar.

Neste caso, a historiadora Joan Scott afirma que a própria feminilidade era algo que reforçava a masculinidade como um indivíduo abstrato, isto é, a ideia e a forma como as mulheres eram vistas não eram entendidas como um oposto dos homens, mas representadas por eles, geralmente através do marido, pai e filhos (SCOTT, 2002:26,30). Ainda, segundo Scott a própria exclusão das mulheres na declaração de 1789 estimulou a luta por direitos iguais (SCOTT, 2002:23-54). Gouges acreditava que as mulheres tinham o direito de votar e serem votadas, o que me permite compreender, portanto, que quando Castellano citou os exemplos de Gouges estava defendendo direitos semelhantes às mulheres curitibanas. Não muito longe de Gouges, na Inglaterra, em 1792, Mary Wollstonecraft publicou *Vindications of the Rights of Women*, uma obra que reivindicava às mulheres a mesma educação dirigida aos homens, ou seja, outra feminista que via que a igualdade pretendida pelas mulheres prejudicada através da forma com que a educação era transmitida.

No Brasil antes do contexto de Castellano, algumas mulheres defenderam o acesso igualitário à Educação. Uma delas, Nísia Floresta¹⁷ traduziu a obra de Wollstonecraft lançando a ideia de que a educação era o modo de igualar os direitos entre os sexos, e ainda, de diminuir as diferenças estereotipadas das mulheres. A historiadora Constância Duarte levantou uma questão que tem acompanhado as abordagens do feminismo na história, a de que Nísia Floresta ao fazer sua tradução, com adaptações às características brasileiras, teria se contradito quando afirmou que se alegrava em saber que seu sexo não era tão desprezível,

16 Olympe de Gouges (1748-1793) ao perceber que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão promulgada durante a Revolução Francesa não incluía as mulheres, as crianças e os escravos como cidadãos, propôs uma Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que seria um complemento às limitações da declaração anterior. Nessa época, Gouges tinha 32 anos e havia se alfabetizado sozinha e, por inferir que a conduta social de seu tempo julgava o voto um privilégio exclusivo dos homens, acabou guilhotinada. Ver: GOLDENBERG, Miriam; TOSCANO, M. A revolução das mulheres. Rio de Janeiro: Revan, 1992, p.18.

17 Nascida no Rio Grande do Norte, em 1810. Considerada a primeira feminista brasileira. Foi educadora, escritora e feminista republicana e abolicionista. Em sua estada na Europa teve contato com obras feministas, como a que traduziu. Por isso tem grande importância na disseminação de ideias feministas em meados do século XIX no Brasil. Nísia Floresta fez uma adaptação à realidade brasileira da obra, tanto que o título da tradução foi modificado para Direitos das Mulheres e injustiça dos homens. Para mais informações ver: DUARTE, Constância L. Nísia Floresta: vida e obra – Natal: Ed. UFRN, 1995.

diante das novas conquistas. Para a historiadora, as afirmações de Nísia Floresta não representavam um retrocesso, mas sim uma clara consciência da autora, em relação ao Brasil ortodoxo em que ela estava apregoando suas palavras.

Segundo Scott (SCOTT, 2002:24-49) o paradoxo feminista não está no fato de uma mulher como Castellano (no caso desta pesquisa) defender opiniões diferentes. Mas, desde que algumas mulheres começaram a questionar as diferenças sexuais como causadoras de exclusões culturais e políticas, outra ideia teria se tornado um divisor de águas entre as feministas até hoje: a da diferença e da igualdade¹⁸. Do mesmo modo, em qualquer uma das definições a diferença sexual tem uma definição oficial e análoga quanto à identidade de ambos. Sendo assim, para alcançar mais representatividade, as mulheres passaram a se manifestar em grupo, um ato que com passar do tempo caracterizou-se em uma importante identidade feminista.

Castellano demonstrou em seus artigos que as diferenças biológicas encontradas nos homens e mulheres não diferenciavam a capacidade de aprendizagem ou de desenvoltura para qualquer ação, pois na verdade eram explicações que homens davam para solapar lugares que poderiam ser de mulheres. É possível ver esta argumentação quando Castellano citou, nos mesmos artigos, os exemplos sanguinolentos causados por homens na Primeira Guerra Mundial (CASTELLANO, 1924:1489) e, em contraposição, sugeriu que se os países fossem guiados também por mulheres, “carnificinas” daquele tipo não aconteceriam mais. Compreendo que essa ideia de Castellano demonstra uma defesa de que as mulheres “tinham uma natureza” mais dócil, ou seja,

a delicadeza, a sensibilidade e a paciência seriam boas virtudes para elas quando ocupassem os mesmos lugares dos homens.

A justificativa de Castellano confirma estereótipos criados às mulheres naquele período, isto é, as ideias da autora em relação às diferenças de gênero do contexto eram limitantes. Apesar deste aspecto, observo nas afirmações de Castellano que para ela as mulheres poderiam continuar a serem mães, e é justamente essa característica que permitiu, segundo a autora, que as mulheres exigissem outros lugares, ao utilizarem o respaldo da maternidade. Sugerimos que Castellano defendeu a ideia de que a mulher moderna considerava a “maternidade” além dos lares, ou seja, era crucial que o país compreendesse aquela função como colaborativa para com o progresso e o bem estar da sociedade (FREIRE, 2009:13), ao mesmo tempo em que elas se emancipavam.

O fato de serem mulheres, biologicamente diferentes dos homens, não era motivo para serem subestimadas. Com a intenção de colaborar com esse pensamento, quanto às diferenças biológicas, a autora argumentou sua razão, utilizando estudos de um pesquisador, Dr. Maneuvrier, que em seu laboratório de Antropologia da Escola de Paris havia investigado as diferenças anatômicas do cérebro entre os sexos e teria chegado à seguinte conclusão: as qualidades intelectuais e ligadas ao volume do cérebro são o que se chama ordinariamente a extensão e a profundidade da inteligência. E ele mostrou sobre este ponto que “tudo concorre para a igualdade dos sexos” (CASTELLANO, 1924:1472).

As feministas e mulheres que reivindicavam direitos nessa época justificavam que a diferença biológica não interferia na capacidade intelectual de ambos os sexos. Considero que Castellano estava atrelada ao que se refere às discussões sobre igualdade de homens e mulheres em seu contexto. Para Trindade, mulheres daquele contexto, como Júlia Wanderley e Mariana Coelho, reafirmaram o conservadorismo que ameaçavam destruir (TRINDADE, 1996:104).

18 Segundo Joana Maria Pedro, as “igualitaristas” almejavam mesma representatividade os mesmos direitos masculinos, e as “diferencialistas ou essencialistas” desejavam uma “feminização do mundo”. Além dessas diferenças, o feminismo de Betty Friedan, de segunda onda, considerava o trabalho fora do lar uma libertação para a “mulher”, mas este não era visto desta forma pelas mulheres operárias que já trabalhavam “fora” há muito tempo e não viam nisso uma liberdade, uma vez que eram mal pagas e continuavam responsáveis pelo lar e pelos filhos. PEDRO, Joana Maria. Op.Cit., 2005, p.81.

Castellano não foi diferente. Ao final de seu último artigo alegou que:

A mulher feminista brasileira sustentará os meigos acentos poéticos de Gonçalves Dias. Nosso céu tem mais estrelas. Nossas várzeas têm mais flores. Nossos bosques têm mais vida. Nossa vida mais amores. Nas suas cataratas, nos seus rios, nas suas montanhas, na vastidão deste firmamento recamado de inúmeras estrelas, destacado pela refulgente constelação do cruzeiro, tudo, tudo, isto é imenso, é grandioso, é elevado neste país bendito que é o Brasil. (CASTELLANO, 1924:1472)

Vejo que Castellano correspondeu aos discursos que vivenciou. A autora mostrou-se como “uma patriota” esperada em seu contexto ao exaltar as paisagens naturais brasileiras tão fomentadas nas escolas, os grandes escritores constantemente lembrados para que a noção do que era a Pátria brasileira fosse frisada na cabeça de muitas cidadãs e cidadãos. Mais, correlacionou essas características a sua concepção do que era “ser” mulher, ou melhor, da sua ideia de mulher brasileira. O que não permite considerar o comportamento de Castellano como uma reprodução automática. Não, ela defendeu sua opinião, em alguns aspectos diferentes do desejado por parte da sociedade às mulheres, mas não deixou de lado os papéis tradicionais vinculados à ideia de formação da identidade paranaense e brasileira. Castellano apropriou-se, ao seu modo, de temas e questões que circulavam em seu tempo.

A escrita de Leonor Castellano

O espaço conquistado por Castellano, tanto no Centro de Letras, quanto na Procuradoria do Estado e na Secretaria da Fazenda, demonstram que acompanhou as novas conquistas desse contexto,

porém o mesmo não ocorreu com toda a sociedade. A formação escolar de Castellano, embora fosse para “formar futuras esposas”, era bastante rica quanto às disciplinas linguísticas, com uma vasta biblioteca, fatores que proporcionaram conhecimento e capacidade para uma vida social independente e confortável. Quero frisar, como afere Certeau, que “[...] a presença e a circulação de uma representação [...] (por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indica, de modo algum, o que ela é para seus usuários” (CERTEAU, 1994:41). É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram.

A historiadora Sueli Gomes em relação ao livro lançado em 2006 “O feminismo tático de Bertha Lutz”, de Rachel Soihet, ressalta que os feminismos são plurais, cada um ao seu modo, nas suas limitações, e que a disputa com outros lados (às vezes mais fortes) faz com que conquistas vão paulatinamente se instalando e tornando-se práticas cotidianas (COSTA, 2006). Considero que as “ondas” em que se ergueram ideais feministas ao longo dos últimos cem anos, foram os primeiros ideais que nas décadas seguintes tornaram-se cada vez mais comuns.

Não almejo simplesmente dar sentido aos atos de Castellano. A intelectualidade tão defendida por ela nos artigos da “Página Literária”, ou mesmo a missão de educar as filhas e os filhos como “anjos” para a Pátria, demonstra como foi, em parte de sua vida, algumas conquistas das mulheres vivenciadas por ela. O direito a frequentar as escolas e a educação direcionada às mulheres de camadas sociais abastadas foi um meio encontrado para que muitas tivessem sua emancipação intelectual e financeira.

Referências

- ABREU, Geysa S. Alcoforado. O ensino regular da caligrafia: a experiência da Escola Americana de Curitiba no final do século XIX e início do século XX. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../321.pdf Acesso em 09/12/2010.
- ALVES, Branca Moreira (1980). *Ideologia e feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- BESSE, Susan K. (1999). *Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ. V.24, ANO 1974, pp.149-150.
- CARNASCIALI, Juril De Plácido e Silva (2000). *De Plácido e Silva, o Iluminado*. Curitiba: Editora Oficina de Letras.
- CASTELLANO, Leonor. Página Literária. Curitiba: Jornal Gazeta do Povo, 1924, janeiro, n. 1472.
- CASTELLANO, Leonor (1924). Página Literária. Curitiba: Gazeta do Povo, fevereiro, n. 1489.
- CASTELLANO, Leonor. Protocolos diversos, Arquivo Público do Paraná, Curitiba - Paraná.
- CASTELLANO, Leonor (1967). *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura – Curitiba: CPFC*, vol.XI.
- CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ (1967). *Cadastro de Membros*. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, s/p.
- CERTEAU, Michel (1994). *A invenção do cotidiano*. 1. Rio de Janeiro: Vozes.
- COSTA, Sueli G (2006). Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz. Campinas: *Cadernos Pagu* no.27/Julho/Dec.
- CRUZ, Antônio Donizeti da. (1999). *Helena Kolody: obra e fortuna crítica*. Curitiba (arquivos da Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná).
- DUARTE, Constância L. (2003). Feminismo e literatura no Brasil In: *Revista de Estudos Avançados – São Paulo: vol.49*.
- DUARTE, Constância L. (1995). *Nisia Floresta: vida e obra – Natal: Ed. UFRN*.
- FIGUEIREDO, Eneida Ramos. A Escola Americana de Curitiba (1892-1917) <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/317.pdf>. Acesso em 20/06/2011.
- FRANÇA, Marita (1969). *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura – Curitiba: CPFC*, v. XXVII.
- FREIRE, Maria Martha de Luna (2009). *Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- GANZ, Ana Maria (1997). “Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945” In: TRINDADE, Etelvina M. de Castro, MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20*. Curitiba: UFPR.

- GOLDENBERG, Miriam; TOSCANO, M. (1992). *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan.
- HAHNER, June (2003). *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil - 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- NICOLAS, Maria (1977). *Pioneiras do Brasil, estado do Paraná*. Curitiba: [s.n.].
- PEDRO, Joana Maria (2005). “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”. *Revista História*. São Paulo: Editora UNESP, vol. 24 (1), p. 77-98.
- PINTO, Céli Regina Jardim (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- SANTOS, Dario Nogueira (1969). Necrológio de Leonor Castellano In: FRANÇA, Marita. *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura – Curitiba*: CPFC, v. XXVII.
- SCOTT, Joan (2002). *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem –* Florianópolis: Ed. Mulheres.
- SOIHET, Rachel (1996). “Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero”. In: *Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, vol.9, número1/2, Jan/Dez.
- TELLES, Norma (2001). “Escritoras, escritas, escrituras”. In: Del Priore, M. (org.). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- TRINDADE, Etelvina M. C. (1996). *Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeira República*. Fundação Cultural.

Recebido em: 05/04/2013

Aceito em: 15/05/2013